

Entrevista com a professora Maria Auxiliadora da Silva*

Geosul: Inicialmente agradecendo mais uma vez a sua atenção, gostaríamos que a senhora nos comentasse um pouco de sua vida pessoal, dissesse-nos aspectos de suas origens familiares, como a sua infância foi vivida inclusive sobre o início de sua escolaridade e como a mesma a conduziu na formação pessoal e profissional.

Auxiliadora: Agradeço ao professor Ewerton Machado, à Universidade Federal de Santa Catarina e à revista Geosul, por este convite que muito me sensibiliza.

Sou de uma família de oito irmãos, sendo que meu pai era de Minas Gerais, da cidade de Tiradentes. Minha mãe era de Salvador. A história deles foi interessante porque, onde hoje é a Arena Fonte Nova era o sítio de meu avô, onde a família toda morava. Meu pai era dentista, era moreno como eu, e a família de meus avós maternos é toda de descendentes de ingleses e portugueses. Meu pai, sendo moreno, a família não o aceitou e, então, minha mãe fugiu para casar. Apenas quando nasceu a primeira filha, a família recebeu com alegria e acabou toda a animosidade.

Meu pai sempre voltava a Tiradentes porque tinha propriedades lá e minha mãe ia junto. Era uma viagem muito longa. Quando eu nasci, fui uma das últimas filhas, um mês depois, meu pai tinha que viajar e minha madrinha, irmã de minha mãe, pediu para que eu ficasse com ela durante a viagem. Na volta da viagem, minha

* Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. Entrevista realizada pelo Professor Ewerton Vieira Machado – Projeto Geomemórias/GCN – CFH – UFSC, em 29/07/2014. Contou com a colaboração da doutoranda Flora Sousa Pidner PE/IG/UFBA. Transcrição da gravação digital pelo acadêmico de Geografia da UFSC, Gabriel Tiscoski Ramos. Texto revisado e autorizado a sua publicação pela entrevistada em dezembro de 2014.

madrinha pediu para que eu continuasse com ela, já que minha mãe tinha outros filhos e eu fui ficando até ela casar, um ano depois. Assim, fiquei com meus avós e uma tia que não se casou. A eles, sobretudo a minha tia Maria, devo tudo o que sou hoje. Há 16 anos ela morreu. Atualmente, a última irmã de minha mãe mora comigo desde o falecimento de seu marido. É para ela que estamos proporcionando uma festa de 100 anos, que será no dia 29 de novembro, deste ano de 2014.

Lembro-me da minha infância, e o primeiro presente que recebi foi um livro. Todas as noites meus avós nos reunia para ler histórias para todos os netos, já que todo mundo morava no mesmo bairro que eu moro hoje, Nazaré, que é um bairro antigo da cidade, onde moravam os professores universitários, os médicos, já que em Nazaré ficavam os grandes hospitais, a maternidade mais antiga e antiga Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, onde estudei. Meu avô era muito culto e, ao mesmo tempo, católico e espírita. Lembro bem que na nossa casa tinha um quarto inteiro só para a sua biblioteca. A casa era de dois andares e mais um sótão que, para mim, sempre foi mal assombrado, tinha vários quartos. Minha avó também tinha essa coisa de adotar meninos que não tinham família. Pelo menos 6 meninos minha avó adotou, então, era muita gente em casa, sempre muito alegre. Uma coisa importante que aprendi com meus avós: se um dos irmãos fazia alguma coisa errada e quando os meus avós perguntavam de quem era a culpa e um de nós acusava, este é quem ficava de castigo para aprender a não dedurar. Também era proibido falar mal de alguém. O respeito era fundamental.

Meu pai morreu quando eu tinha 10 anos e minha mãe, dizem que ela “morreu de saudade”, porque ela foi ficando triste e murchando e, mesmo com 9 filhos, ela não sentia mais vontade pela vida. Não foi mais às reuniões ou festas de fim de ano da família. Acabou morrendo quando eu tinha 11 anos, de modo que fui criada realmente por minha tia Maria e pelos meus avós. Mas enquanto meu pai era vivo lembro que ele nos levava, aos domingos, ao Farol da Barra, para beber caldo de cana, comer pipoca. Todas as

crianças iam, inclusive os agregados. Mas guardo uma lembrança muito terna de minha mãe. Ela foi a primeira pessoa que me disse que eu iria estudar na universidade, quando, um dia passamos pela faculdade e eu perguntei o que era aquele casarão.

Geosul: Então, foi com essa sua tia, “tia-mãe”, que se deu o início da sua escolaridade e que essa escolaridade vai conduzi-la as experiências de formação pessoal.

Auxiliadora: Foi sim. Salvador, na época, era uma cidade que tinha um ensino público muito bom, como em geral no Brasil, mas tinha colégios particulares, também, muito bons. Havia um colégio, chamado Nossa Senhora Auxiliadora, dirigido pela grande professora Anfrisia Santiago, bastante conhecida na sociedade; estudei nesse colégio, desde pequena. Nos primeiros anos estudava em casa com os avós e fui para o colégio apenas com seis anos. Estudei lá até o último ano, quando entrei na universidade. Era um colégio bem rígido, na moralidade. A Professora Anfrisia Santiago nos incentivava a participar dos aspectos culturais da cidade. Foi aí que, desde cedo, ainda no curso ginásial, ia para a Universidade Católica, onde conheci o Professor Milton Santos, que já era chefe de departamento e trazia professores da França, de Portugal. Tereza Cardoso da Silva, amiga do Professor Milton Santos, falava dos nômades africanos e tudo aquilo me encantava; eu tinha 12, 13 anos e já conhecia o Prof. Milton como conferencista e comecei a gostar da Geografia. Dona Anfrisia fazia questão de contratar professores que ensinavam na universidade. Era um dos seus orgulhos. Antes de conhecer o Prof. Milton, desde o meu 1º ano de ginásio (hoje Ensino Fundamental II) até o fim do curso clássico (hoje Ensino Médio) tive aula de História com um professor espetacular, o sergipano José Calazans Brandão da Silva, que, aliás, também foi meu professor na faculdade. Ele lecionava História de uma maneira maravilhosa. Fui sonhando com a Grécia, Itália, o Oriente e a Europa. Como a Geografia era mais tipo enciclopédica (cabos, rios, capitais etc.), sem a interpretação dos fatos, eu não gostava tanto. Só quando conheci o Prof. Milton

Santos que passei a gostar, porém, a História já era meu encantamento com as aulas do Professor Calazans. Também o professor Calazans era bonito, alto e de olhos verdes e falava bonito e todas nós adolescentes éramos um pouco apaixonadas por ele. Havia outros professores como Remy de Souza, de francês, muito culto; Caio Flávio, de Filosofia, que conseguiram abrir meus horizontes para o mundo. Sempre fui muito boa aluna de Português e Ciências Humanas, mas, em geral, muito fraca em Matemática, Química, Física e Desenho. Passava, como se diz aqui, “raspando” nessas disciplinas. Mas como todos os meses meu retrato estava no quadro das boas alunas, os professores destas quatro disciplinas “me respeitavam” um pouco e não me causavam tantos problemas.

Como lazer, eu, os irmãos e os primos fazíamos teatro na casa grande de minha avó, tendo como plateia a família. As roupas eram de papel crepom que nós mesmos fazíamos e as cortinas eram as colchas bordadas (muitas delas por minha mãe) de minha avó e brancas como a neve.

Assim, minha infância foi muito feliz e hoje o que eu sou devo a meus avós e, principalmente, à minha tia Maria. Meu avô era amável conosco e era um homem muito importante. Era presidente da Associação de Pecuária da Bahia e mesmo o bonde que passava na frente da casa, sem estar no ponto, parava para ele entrar e saltar na volta para casa. Ele estava sempre de branco, impecável e com chapéu panamá. Ainda era menina quando ele morreu de câncer.

Geosul: Diga-nos como era no seu tempo escolar, as abordagens dos conteúdos de História e Geografia e se essas aprendizagens influenciaram nos encaminhamentos e desdobramentos da formação acadêmica. Por que a senhora sempre se refere à sua formação universitária, inicialmente tinha preferências por História e que depois, fez a opção por Geografia.

Auxiliadora: Foi aí que ainda no fim do ginásio conheci Milton Santos, na Universidade Católica de Filosofia. Quando ele funda o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais na

Universidade da Bahia, forma sua equipe e me convida. Minha família foi contra porque ficou com medo de que eu prejudicasse meus estudos e foi assim que pedi ao Professor Milton para ceder meu lugar para uma colega muito estudiosa e que não tinha sido chamada. Ele entendeu, mas disse: “Maria, é um risco, pois não sei se poderei contratá-la quando você quiser”. Mas consegui. Fiquei alguns anos trabalhando sem salário, mas depois entrei para o quadro permanente. Enquanto isso, fiz outras coisas, pois sempre quis “fazer um pouco de tudo”. Fui “guia turística”. Como não recebia salário o professor que me convidou, Vasconcelos Maia, um grande escritor, me apresentou a Jorge Amado que estava, naquele momento fazendo um roteiro para um cineasta francês sobre Antônio Conselheiro. Fui contratada para ajudá-lo em pequenas coisas e aí ganhei meu primeiro salário, além de conhecer outros artistas como Caribé, Floriano. Nessa mesma ocasião, fiz vestibular para História. Nós éramos 29 candidatos e fui a única aprovada e a única aluna pelo menos nos três primeiros anos do curso.

Geosul: Já engatando assunto para você entender, veja a próxima pergunta: Como foi, quando, onde e quais lembranças que tem de sua formação acadêmica em Geografia? Quem foram seus mestres inesquecíveis e que lembranças ou influências eles legaram à sua formação?

Auxiliadora: No meu curso de História, no 1º ano tive aulas de História do Brasil e Cartografia com mais as duas colegas que tinham passado no curso de Geografia e até hoje somos amigas: Euda Caldas e Marlene Carneiro. Dois outros colegas fizeram algumas disciplinas comigo: Alberto Goulart e Edilberto... A formação em Cartografia foi com o professor Dalmo Pontual, engenheiro, que dava aulas magníficas. Tive sorte, quando, por ocasião da reforma da universidade em 1968, 1969, e a Geografia veio para o Instituto de Geociências, Dr. Dalmo foi chefe de Departamento e Diretor da Unidade. Era uma das pessoas mais cultas que passaram por minha vida, com um conhecimento geral

extraordinário e uma grande disponibilidade para nos ensinar. Sinto sua falta. Outro professor que fez complementar aquilo que aprendi com o Professor Calazans, foi Godofredo Filho, professor de História da Arte. Um grande poeta que ensinou a arte de todos os povos e através dos tempos com a simplicidade e a profundidade dos grandes mestres. Esses professores me proporcionaram a base acadêmica que eu precisava para a minha formação.

Como também fui professora do Ensino Médio durante três anos de minha graduação e pude escolher um colégio recém-fundado para, sobretudo, atender uma população de meninos pobres do bairro de Amaralina (um bairro popular) e onde também estudavam filhos de artistas, inclusive de Jorge Amado, habitantes do bairro Rio Vermelho. Essa atividade me trouxe uma boa experiência sobre certos aspectos de populações da Bahia que, na época, estava um pouco longe dos meios que eu frequentava. Foi uma experiência que me permitiu amadurecer tanto como pessoa como em relação aos meus conceitos.

Geosul: Então, na verdade sua formação universitária, inicialmente, se fez no curso de História. Geografia foi um “acidente”.

Auxiliadora: É, foi um acidente chamado Milton Santos, com quem tive a sorte de trabalhar e compreender a Geografia a partir do que ele ensinava.

Geosul: O que você fazia no laboratório coordenado por ele, na UFBA?

Auxiliadora: Todos nós fazíamos pesquisas, seguíamos os cursos dos professores diretores, pois além de Milton Santos, havia as professoras Tereza Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo e Anna Carvalho. Trabalhando no laboratório e não cursando Geografia na Faculdade, tive que me esforçar duplamente para entender a Geografia, bem diferente daquela que estudei no Ensino Médio. Também participávamos não só dos cursos, mas das

excursões dos professores convidados por Milton Santos, tais como Tricart, Pierre George, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Michel Rochefort, Pierre Monbeig, Defontaines, Olivier Dolfus, Henry Vogt, Anne Rose Hirsh, Orlando Ribeiro, Alfredo Fernandes Martins, Raquel Soeiro de Brito, sem falar nos brasileiros Araújo Filho, Manoel Correa de Andrade, Orlando Valverde, Nilo e Lysia Bernardes e muitos outros.

Geosul: Ou seja, o Professor Milton Santos mediava a vinda dessas pessoas e você aproveitava por estar próximo a eles.

Auxiliadora: Exatamente. Ele era mediador e nós aproveitávamos do que os professores nos ensinavam. Prof. Milton tinha uma relação muito boa com o Reitor da época, mas só veio a fazer parte da Universidade da Bahia em 1961, apesar de estar inscrito no concurso para Livre Docência já há alguns anos. Era Professor da Universidade Católica, Chefe de Departamento de Geografia. Em 1959, o fundador da Universidade da Bahia, reitor Edgar Santos, um aristocrata, numa reunião na reitoria conheceu Milton Santos, que o cumprimentou com um aperto de mão, como se faz na França, onde ele tinha vivido. O reitor ficou impressionado com a elegância e gentileza do jovem professor e sugeriu que ele fundasse um laboratório de pesquisa em Geografia que não tivesse esse nome para que os professores da Universidade não se ofendessem. Assim, com a colaboração da Cooperação Francesa representada Por Jean Tricart, nasce o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia. As excursões com os professores e com os quatro diretores do Laboratório nos fizeram conhecer todo o Estado da Bahia e resultaram em vários estudos importantes que estão no currículo de Milton Santos. Conhecemos e nos encantamos com a Chapada Diamantina e em Lençóis os professores encomendavam carne do sol com farinha, que era nosso almoço por vários dias. Só se parava, durante as excursões, para dormir, muitas vezes, em redes ou colchões no chão. Entretanto, na pobreza desta e de outras regiões baianas por onde passávamos, lembro-me bem dos ótimos cafés da manhã com

cuscu, tapioca nas toalhas brancas, cobrindo as toscas mesas e o um cheiro gostoso do café recém-preparado. Durante o dia, Prof. Tricart dizia sempre, quando notava que estávamos desatentos: “Mira la paisage”, numa mistura de português com espanhol. Foi assim que aprendemos a conhecer a Bahia.

Geosul: Fale um pouquinho mais, além de seus mestres, como José Calazans, Dalmo Pontual, outros mestres que você lembra que foram importantes em sua formação?

Auxiliadora: Importante para mim, sem falar nos estrangeiros, há um por quem tive admiração, por ser grande conhecedor de tribos indígenas e dava curso de língua Tupi que, embora eu fosse uma boa aluna, fui esquecendo com o tempo. Era o Professor alemão Frederico Edelweis, que tinha uma das melhores bibliotecas de Salvador, sempre aberta aos alunos que nela quisessem consultá-la, como eu. Não posso, também, esquecer dos mestres amigos Aziz Ab’Saber e Manoel Correia de Andrade. O Professor Aziz se tornou meu conselheiro e na pior fase da minha vida, ele não poupou esforços para demonstrar sua solidariedade. E continuou assim. Sua confiança era tanta que mandou sua filha Janaina para passar uma temporada aqui, pois ela não estava, também, passando uma boa fase. Do ponto de vista científico, esses professores me passaram, também, grandes ensinamentos que me acompanham até hoje.

Geosul: Após a sua graduação, portanto, formada em História, como e quando a senhora passou a atuar profissionalmente? Em termos de formação continuada, quais as suas experiências em pós-graduação? Conte-nos sobre suas convivências e intercâmbios com a geografia europeia a partir de Portugal, e, depois, com França.

Auxiliadora: Como já foi dito, comecei muito cedo, como profissional, ainda no Ensino Médio, no Laboratório da UFBA. No primeiro ano de faculdade, ensinando história no Colégio Estadual Manoel Devoto, onde fiquei por três anos. Como eu era muito assídua em tudo, os professores estrangeiros que vinham para o

Laboratório gostavam de mim. Num dado momento, estando para me formar, professor Orlando Ribeiro, da Universidade de Lisboa, veio aqui em viagem ao Recôncavo e me incentivou a me candidatar para uma bolsa que estava sendo oferecida pelo governo português. Eram quatro bolsas para quarenta candidatos. Na mesma ocasião, o professor Tricart me aconselhou para que eu me candidatasse a uma bolsa pelo governo francês. Segui o conselho de ambos e ganhei as duas bolsas. Como a da França podia ser adiada para o ano seguinte, dois ou três dias depois após minha formatura, parti para Portugal com mais três professores: Luiz Henrique Dias Tavares, que tinha sido meu professor, Joildo Athayde, ambos da Faculdade de Filosofia, e Carlos Eduardo da Rocha, professor de História da Arte. Entretanto, como fui criada numa família tradicional, onde as meninas se casavam cedo, e eu não queria seguir o mesmo caminho, apenas quando eu consegui as bolsas, comuniquei a minha família. Foi um choque para todos. Apenas minha avó, na época matriarca, no almoço de minha despedida falou: “ela deve ir para mostrar a Europa que a Bahia não deu só Ruy Barbosa”. Essa era prova de confiança e carinho que sempre recebi dela e de minha tia Maria. Era essa parcialidade que me proporcionava segurança. Segurança essa que encontrei mais tarde, no tratamento que Milton Santos dava a todos nós no Laboratório. Cheguei em Portugal em 1967, fiz especialização em Geografia Agrária, orientada, pelo Engenheiro Cunha. Foi um trabalho pequeno, já que eu tinha acabado de sair da universidade, na região de Coluche. Além disso, assisti as aulas de outros professores tais como Orlando Ribeiro, Francisco Tenreiro, e participava de todas as discussões onde os alunos mais antigos do professor Orlando, como por exemplo, Jorge Gaspar, que também nos orientava. Um fato completou minha formação naquele país que só me deu alegria: todos os fins de semana, Orlando Ribeiro, sua mulher Suzane Daveau, Joildo, meu amigo brasileiro e Maria Alfreda assistente do Professor Orlando saíamos para conhecer Portugal, de carro. Nunca vou esquecer dos olhos verdes de Suzane no retrovisor. Em cada lugar que parávamos, recebíamos

informações de geografia, história, arte, já que Orlando Ribeiro era um humanista e Suzane Daveau nos explicava a geomorfologia local. Assim, tive a grande sorte de conhecer todo país. Antes de cada viagem, liamos sobre o lugar a ser visitado, portanto, minha passagem de um ano em Portugal foi de uma riqueza humana e profissional extraordinária. Na páscoa, fomos a Santiago de Compostela. Professor Orlando Ribeiro sempre estará presente como uma das melhores pessoas que fizeram e ainda fazem parte de minha vida. Voltei muitas vezes a Portugal para revê-los, quando ainda moravam na Vila dos Lobos, mesmo quando ele já tinha tido o AVC e já estava muito doente. Tive a sorte de visitá-lo pouco antes de sua morte. Tenho por ele e por Suzane um débito da mais fraterna gratidão e amizade. Joildo e eu alugamos dois quartos num apartamento de um português, empresário de artistas brasileiros. Foi assim que conheci Elis Regina, Jair Rodrigues e Agostinho dos Santos, esse morreu pouco depois em um acidente de avião. Fiz, também, muitos amigos portugueses e brasileiros, e um deles, José Vilhena, um cartunista muito importante que a cada publicação, sempre criticando o regime político, era preso, mais tarde solto, pois, seu tio era um Arcebispo de grande poder. Assim, José Vilhena recomeçava suas publicações. Nas férias de natal, fui a Paris encontrar com os colegas do Laboratório, Silvio Bandeira, Joaquim Júlio, Douracy Soares, Norma Freitas que estudavam em Clermont Ferrand, Dakar, Paris e Bordeaux, respectivamente. Saindo de Portugal deixei pessoas muito queridas e uma vida bem mais fácil daquela que iria enfrentar no início do meu período na França. Entre um e outro país, voltei por um mês ao Brasil para repor minhas energias com a família e amigos. Chego a Paris só com o francês básico que me causou problemas no início, pois, tinha que fazer todos os exames médicos exigidos pela bolsa. O que não foi fácil, já que o pessoal do serviço de saúde nem entendia o que eu falava, nem fazia nenhum esforço para tal. Hoje, os franceses são bem mais abertos a maior parte dos estrangeiros. Ao meu ver, isso vem acontecendo a partir da abertura dos países do Leste Europeu e da grande quantidade de orientais que chegam

durante todo o ano. Portanto, o turismo é, também, grande responsável por essa mudança. Entretanto, em 1968, os serviços administrativos exigiam de nós uma pronúncia de Baudelaire. Um exemplo de dificuldade para mim era a pequena diferença entre três palavras vento, vinho e vinte, como para eles uma das grandes dificuldades era a pronúncia avô e avó. Por exemplo, para andar em Paris, como queria, sem me perder, resolvi reler em francês os livros que já tinha lido em português de George Simenon, policiais onde todos os episódios se passam em diversos lugares, assim segui as trilhas de Simenon e consegui me orientar por essa cidade que hoje me parece a cidade mais fácil de andar, de descobrir e, sobretudo, de sentir.

Numa noite de inverno, cheguei a Strasbourg e, de taxi, fui para o Hotel Elisa na rue Goethe, a mesma onde ficava o Instituto de Geografia, onde deveria passar a noite. Lá encontrei duas alunas do Professor Orlando, Carminda e Isabel, que no dia seguinte me levaram à Secretaria do Instituto para adquirir os documentos necessários aos estudantes bolsistas. No mesmo dia, mudei para o Nouvel Hotel na rue des Francs-Bourgeois que dava para a praça mais importante de Strasbourg, ou seja, a Place Klebert, onde o governo hospedava os bolsistas sul-americanos. Lá encontrei uma gaúcha, Alba Gomes, contemporânea de Tereza Cardoso; construímos uma grande amizade; e Catarina Virgulino Dias, do IBGE, moça inteligente e muito original e que adorava o professor Orlando Valverde. No meu primeiro encontro com o Professor Tricart, responsável pela minha ida à França, fui apresentada ao professor Jean Galais, também orientador de Catarina, já que eu fazia geografia humana e o professor Tricart era mais ligado a área física. Comecei, então, a assistir as aulas que serviram de embasamento para o doutorado. Assim, fui aluna Claude Lecarpentier, excelente em hidrologia, Etienne Juilliard, do próprio Tricart, e participava nos sábados, das excursões pelas Alsacia conduzidas, principalmente, por Henry Vogth e outros assistentes de Tricart. Foi assim que conheci toda a Alsácia e por ela me apaixonei. Os Voges até hoje me atraem. Tenho que registrar

jovens professores e amigos de sempre como Jean Trautmann e Gérard Schmitt que vejo todos os anos. Havia, também, uma baiana que morava em Brasília, Maria Novaes Pinto, que perdi de vista. Adaptei-me, rapidamente, aos vinte graus negativos durante o inverno e aos colegas de várias nacionalidades, pois, Strasbourg era um dos maiores centros universitários da França. Também tinha muito apoio de Tricart, de Galais, excelente orientador, que me recebia em sua casa, das secretárias do Instituto de Geografia, especialmente, da chefe delas, Madame Wieber, a quem visito todos os anos. O pessoal da tipografia que só falava alsaciano, mas que nos entendíamos muito bem e que foram fundamentais para o andamento da publicação da minha tese de doutorado.

Como passei muito tempo em Strasbourg, viajei nas grandes férias e mesmo em fins de semana, e foi assim que conheci toda a Europa, inclusive, a antiga Europa do Leste, Turquia, Itália, Grécia e Creta, em carros que alugávamos para podermos parar onde quiséssemos. Também fui à Inglaterra e por menos tempo na Escandinávia e a África do Norte. Não posso dizer do que mais gostei, pois, em cada um desses lugares, o povo, a região e a arquitetura são incomparáveis. Em Strasbourg, também, convivi com Teodora Rocha, geóloga, amiga e querida até hoje. Morei não só na Residência Universitária como, também, em casa dos Lecarpentier cuja mulher era uma baiana radicada na França, onde foi ajudada e incentivada por Milton Santos para estudar em Strasbourg, onde se casou. A amizade com eles foi duradoura, até quando eles se mudaram para Paris, onde também me hospedei. Conceição Lecarpentier foi uma amiga querida que infelizmente não está mais conosco. Meu séjour em Strasbourg me fez conhecer um exilado importante e sua família: José Leite Lopes, físico nuclear, e outro físico Michel Patty. Leite Lopes, sua mulher, Maria Laura e os dois filhos sofriam muito com o exílio. Nos reuníamos nos fins de semana para almoçar e falar do Brasil. Hoje, nesse mês de novembro de 2014, encontrei Patty e almoçamos num restaurante da Universidade de Paris VII, onde ainda ele trabalha, e

relembramos aqueles tempos de grande sofrimento para Leite Lopes mas, onde a amizade e os momentos alegres era uma tônica. Uma das coisas que eu gostaria de registrar foi a minha participação, juntamente com amigos, em maio de 68. Estava em Paris junto ao Boulevard Saint Michel, portanto, junto à Sorbonne onde tudo começou. Meu hotel era o Grand Hotel Saint Michel, na rue Cujas. Como aconteceu com todo mundo, maio de 68 foi um marco na minha vida.

Geosul: Quem era seus contemporâneos lá?

Auxiliadora: Em Portugal, além dos que já mencionei, fui contemporânea de Carlos Alberto Medeiros, Antônio Brum (esse último falecido recentemente), assistentes do Professor Orlando Ribeiro. E na França, também, além dos que já estão na resposta anterior, Pierre Usselmann e sua esposa Marimad, o primeiro, Professor e a segunda técnica da geografia, Professor Pierre Michel, que fez parte da minha banca de doutorado e colegas de outros cursos como Pierre Meyer, Joel Griselin, físico e muito querido amigo que vejo até hoje.

Geosul: Nessa época, Portugal estava sob a ditadura de Salazar, o que lembra esse período para a senhora?

Auxiliadora: Na época em que estive em Portugal, no tempo da ditadura, não tinha a consciência política que adquiri mais tarde. Mas, algumas coisas muito me impressionaram, por exemplo: a dificuldade que os portugueses tinham de sair do seu país para qualquer outro lugar, mesmo da Europa. A quantidade de jovens deficientes físicos, sem braços ou sem pernas, aqueles que ainda tinham sorte de voltar para Portugal após combater na África. A desconfiança que todos tinham em todos, sobretudo nos motoristas de taxi. Qualquer pessoa poderia ser da PIDE, polícia repressora. Essa mesma desconfiança, bem mais tarde, tive oportunidade de sentir durante o pouco tempo que estive na Bulgária. Dois amigos meus, Jorge Gaspar e Carlos Augusto, e nem sei se hoje eles se lembram mas, que foi um fato que muito me tocou que eram

totalmente contrário a guerra, o primeiro tinha um tumor no ouvido e mesmo com o perigo de causar uma coisa mais séria esperou ser chamado para o alistamento, pois assim seria dispensado por esse tipo de coisa. O segundo, natural de uma das ilhas portuguesas, nas grandes férias escolares foi para sua terra e engordou muito para ser dispensado por obesidade. Obtiveram sucesso. Notei que todos os jovens portugueses, pelo menos os de nível universitário, eram contra a guerra e tinha pavor de lutar por uma causa que eles não acreditavam. Também soube, o que muito me impressionou, que havia uma fortaleza que ficava numa pequena ilha e servia de prisão. Para lá iam os prisioneiros de maior importância política. Quando a maré subia, os presos ficavam com as pernas na água e muitos deles tinham suas pernas apodrecidas. Enfim, a ditadura foi sempre um pavor, assim como, a da Espanha. Sem falar na brasileira. A única coisa que me lembro e que me fazia pensar muito era que todas aquelas famílias que perdiam seus parentes ou que os viam voltando aleijados não iriam aguentar muito tempo sem fazer nada contra aquele governo. Não foi surpresa a Revolução dos Cravos.

Geosul: E lá na França a Senhora foi fazer outra pós-graduação, mestrado e doutorado?

Auxiliadora: Continuando o que foi colocado na resposta anterior, fui fazer a creditação em vias do doutorado. O meu tema de trabalho era as migrações para Salvador ocasionadas pela instalação da Petrobras. Naquela época, nós tínhamos que fazer o doutorado de terceiro ciclo, que era reconhecido não só na França como no Brasil. A partir daí se podia fazer o Doutorado de Estado que durava de oito a dez anos e que era obrigatório para os franceses que queriam lecionar na Universidade. Mais tarde, fiz os primeiros anos de Doutorado de Estado, que foram correspondentes aos meus cursos de pós-graduação feitos na França. Por um problema pessoal, que muito me abalou, abandonei o Doutorado de Estado, até porque aqui no Brasil eu já era considerada doutora e porque não queria passar tanto mais tempo

na França. Voltei ao Brasil no início de 1970 para me dedicar ao trabalho de campo não só em Salvador como no Recôncavo, que eu denominei Recôncavo do Petróleo, ou seja, naqueles sete municípios de produção. Foram 1100 questionários de cinco páginas cada um e todo o fichário de todos os funcionários da Petrobras, na época, sede da Bahia, cinco dados para cada um deles e entrevistas com os dirigentes da Empresa. Em realidade, não precisei nem da metade dos dados adquiridos, mas, foram de muita importância, pois serviram de subsídios para minha redação. Não posso deixar em branco, de lembrar que como era o meu primeiro ano de ensino na universidade, pois antes era somente pesquisadora, recebi ajuda de cinco das minhas alunas da disciplina Geografia do Brasil; mais tarde, elas se tornaram minhas colegas de Departamento. No ano de 1970, saíamos todos os sábados, domingos e feriados para esses municípios do recôncavo num carro que a Petrobras nos fornecia juntamente com o motorista. Nos dias de semana, além de dar as aulas na universidade, tabulava a mão, os dados adquiridos. Em 1971, entre a França e o Brasil, foi o ano de redação. Assim, defendi a tese na Universidade de Strasbourg no dia 22 de maio de 1972, com uma banca composta pelo meu orientador Professor Jean Galais, Professor Jean Tricart e o Professor Pierre Michel, sendo aprovada com louvor. Tenho que dizer que recebi apoio no período pós-defesa dos meus antigos colegas e mesmo dos meus professores. Também, a correção do francês foi feita por meu companheiro François Legros, desde o início de 1970.

Geosul: Aqui no Brasil a senhora conheceu François Legros, que foi uma pessoa importante na sua vida, nas suas convivências. Esse personagem, o que ele representou na vida pessoal e acadêmica?

Auxiliadora: Enquanto eu estava na França, tinha um namorado que conheci logo nos primeiros meses de *séjour* em Strasbourg, Joel Griselin, estudante de física nuclear, aluno de Leite Lopes. Defendendo a tese de doutorado, foi morar em Paris pois, tinha sido admitido como pesquisador em Saclay, centro nuclear. Eu

vinha, constantemente, à Paris. Foi uma época muito boa porque eu me encontrava não só com Joel, mas, também, com Milton Santos. Saíamos muito para jantar. O meu Hotel ficava perto do Instituto de Geografia, onde Doutor Milton era Professor. Estávamos com projeto de nos casar quando deixei a França no início de 70, por morte da minha irmã. Entretanto, chegando a Salvador e procurando um professor de francês, conheci François, de uma família burguesa, que resolveu vir para a Bahia mudando completamente seu modo de vida. Ele era escritor, tradutor e poeta com contrato com a Gallimard, quando resolveu vir para o Brasil. Seu sonho era fazer a travessia do Atlântico e dois meses depois de sua chegada foi paixão a primeira vista. Fomos morar em Arembepe, que era uma aldeia Hippie, na época. Entre 70-73 vivemos num barco na Bahia. Tudo corria muito bem, mas, infelizmente, com nosso barco, não poderíamos fazer a travessia e François teve que ir para França, onde construiu o nosso barco, que se chamou Oviri (de Gauguin, “Oviri, Écrits d’un Sauvage”). Para não ficarmos separados pedi licença para me inscrever no Doutorado de Estado, sempre com orientação do Professor Gallais, que tinha se transferido para a cidade de Rouen. Enquanto François se ocupava de aprontar o barco para a travessia, eu me ocupava da minha tese. Após passar por muitas dificuldades financeiras – tudo em um barco é caro – mas, sempre animados e felizes, em novembro 75, quando tudo estava pronto para a travessia, no dia 17, François, com um amigo, foi para a Ilha de Wigth, onde qualquer coisa para navegação era muito barata, comprar a última coisa que nos faltava para partir até Lisboa e de lá fazer a travessia, o piloto automático. Eu fiquei no Havre, apenas com a roupa do corpo, para me despedir do Professor Gallais. A meteorologia estava boa mas, no meio do caminho houve um ciclone inesperado, com ventos de mais de 100 Km, e François resolveu voltar para França onde ele conhecia melhor a costa. Houve um acidente, e François ficou no Mar da Mancha. Fiquei algum tempo desmemoriada e sem poder viajar para o Brasil, o que aconteceu no mês de abril de 76. Foi o período mais difícil de minha vida e só

pude suportar pelo apoio dos amigos franceses, brasileiros e de minha família. François foi o grande amor da minha vida, com quem compartilhei os momentos mais difíceis, e também, grandes momentos de paz e felicidade. Fez-me conhecer tanto a grande intelectualidade francesa, pela sua própria formação, como o operariado, por alguns amigos que tinha. Até hoje, os laços de amizade com esses amigos comuns só fez se fortalecer. Nos vemos todos os anos, principalmente, na França (onde todos os anos ministros seminários) mas, também, aqui no Brasil. François me ajudou muito do ponto de vista acadêmico me mostrando os melhores caminhos a seguir não só no meu trabalho em geografia como no conhecimento geral da França, da Europa me ajudando, portanto, a repensar a vida, inclusive politicamente. Tanto tempo se passou, mas, ele continua sempre comigo. Enquanto vivia com François, defendi minha tese de doutorado, como já foi dito, em maio de 72, em Strasbourg. Devo muito a ele por ter me ajudado a passar para o francês o trabalho, já que tinha escrito toda a tese em português.

Geosul: Deve ser uma tese de referência quando se quer falar sobre a Petrobras na Bahia.

Auxiliadora: É verdade, como se fosse um histórico detalhado do início da Petrobras na Bahia. Professor Aziz Ab'Sáber, quando tomou conhecimento deste trabalho, incentivou-me muito, a traduzi-lo para a publicação, por anos a fio. Sempre tive muita preguiça de fazê-lo. Penso que talvez o faça um dia; até porque apesar de tantas informações foi um trabalho de apenas 201 páginas, bem ao gosto do francês, ao menos dos Professores Gallais e Tricart. De qualquer forma tenho muito orgulho de ter conseguido fazer um trabalho que até hoje é inédito.

Geosul: Sabe-se de que a Senhora menciona sempre o nome de Milton Santos como uma grande referência e presença pessoal para sua formação e de muitos de seus colegas, no âmbito de uma geografia acadêmica e profissional do estado da Bahia. Fale mais

um pouco sobre essas relações com o grande geógrafo e diga-nos o que ele representa, no seu entender, para a geografia brasileira, assim como para o “Terceiro Mundo”.

Auxiliadora: A minha relação com ele foi no Laboratório de Geomorfologia, quando ainda eu era uma simples colegial. Em 1964, ele foi preso e a grande maioria dos “amigos” desapareceu. Cumpriu pena no quartel do 19BC, no bairro do Cabula, na mesma sela que ficou o então presidente da Petrobras e do professor de filosofia Auto de Castro. Pouca gente ia visitá-lo, como eu, Tereza Cardoso e Antônia Dea Erdens, é de quem eu me lembro. Passou por momentos muitos difíceis na prisão e sofreu, principalmente, tortura moral. A sua ascensão política, não só como representante civil de Jânio Quadros, na Bahia, mas, como Presidente da Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia o cargo lhe trouxera muita inveja. Ainda na prisão, recebeu muitos convites de universidades francesas para trabalhar, sendo a primeira, a de Toulouse. Ainda no Brasil, após sofrer um infarto, foi solto em junho de 64 e ainda tentou trabalhar. Entretanto, “impedido de prosseguir na sua tarefa renovadora, tolhido na sua liberdade pelo amordaçamento cotidiano, não há outro caminho senão deixar o Brasil. Recusa-se a ser uma metáfora de si mesmo!”¹. Ainda em 64, parte para Toulouse para trabalhar com aquele que foi considerado seu irmão francês, Professor Bernard Kayser. Como muitos sabem, além de passar por outras universidades francesas e mundiais, volta ao Brasil apenas em 78. Durante o período em que trabalhávamos nos Laboratório, Milton Santos foi um líder, em todos os sentidos, que nos indicou, com liberdade, o caminho a seguir na geografia, na solidariedade e na generosidade. O que aprendemos com ele nos poucos anos como diretor do Laboratório, constituíram-se a base científica fundamental para que continuássemos nossos trabalhos futuros. Mesmo longe, ele sempre estava “presente” quando necessitávamos do seu apoio e de sua

¹ Discurso proferido por Maria Auxiliadora da Silva na Cerimônia de Concessão de Título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia ao Professor Milton Santos. Salvador 9 de junho de 1987.

orientação científica. Com exceção de mim que, como já disse, fui convidada para desenvolver pesquisas pelos professores Orlando Ribeiro e Jean Tricart, todos os colegas que viajaram para a França ou a África tiveram sua indicação. Alguns exemplos foram os colegas Silvio Bandeira, Joaquim Júlio Oliveira, Norma Freitas, Douracy Soares, Célia Motti e muitos outros. Durante o período de exílio do Professor Milton, sempre estivemos ligados por uma grande amizade, que se perpetuou até a sua morte. Muitas vezes servi de intermediária entre ele e seu filho Milton Santos Filho, que ele foi obrigado a deixar ainda menino. Entretanto, não dispensava a presença do filho durante as férias do mesmo. Acompanhou minha vida com Joel, com François, durante e depois, aos meus estudos nas duas universidades e muitas vezes ele era meu professor, meu amigo e aquele a quem eu deveria consolar pois, o exílio não era nada fácil para ele, como não o é para ninguém. Milton Santos cumpriu um grande papel na construção de uma geografia nova. A partir dele, começa a se erguer o que atualmente se denomina metageografia, uma ciência do espaço para além do que estava em vigor. Dialogando com a filosofia e as demais ciências sociais, Doutor Milton contribui para a delimitação do objeto da geografia, entorno do qual existia uma querela irresoluta que já durava mais de cem anos. Nesta época ele estava explicitamente centrado na análise regional e organização do espaço, tendo como principal objetivo, lançar as bases metodológicas de modelos para a elaboração de subespaços dos países do “terceiro Mundo”. Milton Santos, também, muito contribuiu para o que atualmente se denomina “Filosofia da Tecnologia”, fornecendo uma compreensão espacial do fenômeno das técnicas. Não é possível a existência de qualquer debate sobre a globalização sem fazer qualquer menção ao trabalho de Dr. Milton, porquanto ele trouxe à luz as verdadeiras fâcies desse processo, mostrando-nos o que há de fantástico, o que há de negativo e as possibilidades que essa nova conjuntura oferece para o progresso da humanidade. Enfim, Milton Santos é um divisor de águas na história do pensamento geográfico, sem levar em conta a Teoria

dos Dois Circuitos da Economia Urbana, uma contribuição sem igual para a geografia urbana dos países do “Terceiro Mundo”.

Geosul: Então a Senhora considera que o exílio do Professor Milton Santos na França foi o momento onde ele vai aprofundar os seus estudos teóricos e epistemológicos para a geografia?

Auxiliadora: É verdade. No exílio ele teve possibilidades de desenvolver, teoricamente, suas ideias. Na Tanzânia, por exemplo, foi onde ele trabalhou muito com a filosofia, com a física, que vieram servir de base para a geografia nova.

Geosul: Ele era importante pra fora e não para o Brasil naquele momento?

Auxiliadora: Para o Brasil, ele não era tão importante devido as circunstâncias conjunturais daquela fase.

Geosul: E para o “Terceiro Mundo”, o que ele representou?

Auxiliadora: No Terceiro Mundo ele já tinha importância, desde quando trabalhou na Venezuela, em vários países da África e, mesmo, da Ásia. Nesse período, ele se impôs como um dos principais líderes terceiromundistas, escrevendo inúmeros artigos e livros, ressaltando estudos sobre a pobreza urbana, sendo uma das principais obras, o livro “Les Villes du Tiers Monde”.

Geosul: A Senhora como discípula do Professor Milton, além da afetividade como amiga, teve, entre outros privilégios, justamente, a tradução de publicações dele no Brasil, como Por uma Geografia Nova, entre outras. Em sua opinião, o que representam publicações como essa, no contexto de reconhecimento de uma “Escola Brasileira de Geografia”, mesmo sendo originada a partir de “matrizes europeias”?

Auxiliadora: Embora tenham sido originárias de matrizes europeias, ele fala da geografia brasileira, que nunca abandonou, sobretudo, esse lado de terceiromundista. Suas ideias, dessa época,

representaram um grande passo para a geografia do Brasil, sendo também uma referência para a geografia do terceiro mundo.

Geosul: E a tradução de obras como essas, o que a Senhora acha que significam?

Auxiliadora: Pelo menos as três que foram traduzidas por mim e pela minha colega Antonia Dea Erdens foram: Por Uma Geografia Nova, Manual de Geografia Urbana e as Cidades do Terceiro Mundo, para mim, foi não só uma grande honra pela confiança que Dr. Milton depositou em mim para traduzir obras tão importantes como para a geografia Brasileira, que conheceu as ideias novas que foram formuladas na França e sobretudo, como já disse, o Brasil e os países do “Terceiro Mundo”.

Geosul: Ainda com base nas ideias do professor Milton Santos, qual a sua opinião a respeito dessa liderança, após retornar ao Brasil, na condução de um pensamento geográfico, na orientação, formação e atuação, de estudantes e profissionais, principalmente, aqui na Bahia? E com a redemocratização brasileira, inclusive a Senhora, ajudou a reconquistar os direitos civis e profissionais dele aqui na Bahia, principalmente por que, não é aceito na Universidade Federal da Bahia.

Auxiliadora: Antes de sair para o exílio, ele sempre foi um líder, se não existisse Milton Santos, não existiria eu, Maria Auxiliadora, como sou, nem os meus colegas de Laboratório, como o são. Milton Santos nunca nos impunha, por exemplo, um tema para pesquisa, e sim nos incentivava nas escolhas de cada um. Nos nossos trabalhos, ele nos mostrava o caminho errado, quando acontecia, para que você procurasse o caminho certo a seguir. Dava total liberdade para que publicássemos o que quiséssemos, para que escrevêssemos o que quiséssemos. Assim, fomos construindo a confiança em nós mesmo de que todo mundo necessita. Suas críticas eram sempre construtivas.

Voltando do exílio, nenhuma universidade brasileira o convidou. Nem mesmo a UFBA, apesar de nossos apelos a alguns reitores

seus amigos. Assim, ele foi para UFRJ, como Professor Assistente, ganhando menos do que eu, sua antiga aluna. Já casado com Marie Hélène e, com seu filho Rafael, completava seu salário com as consultorias. É nesse momento, que sua amiga Maria Adélia Aparecida de Sousa, contando, também, com o apoio de Aziz Ab'Sáber, Araujo Filho, Armem Mamigonian, entre outros, fez concurso para a USP, onde permaneceu mesmo após a sua compulsória. Lá exerceu sua liderança como formador de um grande número de estudantes e profissionais e, mesmo sem pertencer a UFBA, organizou o curso de Pós-graduação em Geografia e orienta aqueles que o procuravam.

Geosul: Isso é o que sintetiza a influência dele. Mas quando ele volta para reconquistar os direitos civis e profissionais, ele não foi aceito na Bahia. E daí?

Auxiliadora: Ele já não era aceito na Bahia enquanto estava no exílio, já que procuramos alguns reitores, um deles, “muito seu amigo”, para tratar da sua reintegração. Não passávamos da ante-sala da reitoria. Em 76, consegui verba para passagem e hospedagem para que ele viesse ministrar um curso “A Cidade Mundial dos Nossos Dias”. Já haviam mais de cem inscrições da Bahia e de várias partes do Brasil e, na última hora, um dos dirigentes, meu superior, impediu que o curso se realizasse. Antes disso, em 74, consegui do Departamento, uma vaga para o concurso de Professor Titular, a que tinha direito, pois, já era Doutora, que seria em realidade para o Dr. Milton. Depois que eu e Dea Erdens preparamos toda a documentação exigida pelo edital, o que não foi fácil, e que custou dinheiro, já que não se tinha os seis exemplares dos itens do CV, porque algumas pessoas a quem me dirigi e que tinham suas obras, seus antigos alunos, não me atenderam. Conseguimos fazer a inscrição de Milton Santos e, em seguida, eu viajei para França para o meu Doutorado de Estado. Pouco tempo depois, Dea me comunicou, com muita tristeza, que tinha sido exigido mais um documento que não tínhamos e sem nenhuma possibilidade de encontrá-lo num curto espaço de tempo.

Milton Santos não pode fazer o concurso. No lugar dele, outro professor do Departamento o fez.

Quando ele já estava na USP, em 86, para tentar uma reaproximação com a UFBA, pedi o título de *Honoris Causa* para ele. Em realidade, deveria ser Professor Emérito. O auditório da Reitoria ficou repleto e a cerimônia foi muito bonita. O Reitor da época, Germano Tabacof prometeu começar os trâmites para a reintegração de Milton Santos e o que foi feito por mim. Então aconteceu um fato estranho: o Chefe do Serviço Pessoal, na época, chamou-me e disse que o professor Milton não seria reintegrado, o que se confirmou. Mais uma decepção para Milton Santos.

Apenas em 96, um Reitor, para quem trabalhei muito na sua eleição com vários colegas da UFBA, Professor Felipe Serpa, que não conhecia Milton Santos pessoalmente, chamou-me ao seu gabinete, pois, queria como primeiro ato do seu reitorado, proceder a reintegração de Milton Santos a UFBA. Para isso, pediu-me para intermediar o processo. Falei com o Professor Milton, que não acreditou, já que nem ele e nem o Reitor se conheciam e, portanto, disse que não faria nada para ajudar nos trâmites legais. Mesmo assim, foi dado início ao processo e o Conselho Universitário aprovou a reintegração, que aconteceu nesse mesmo ano. Lembro-me da cerimônia, no auditório da Reitoria, onde o Dr. Milton, num discurso como só ele sabia fazer, falou da sua grande alegria por aquele momento. Entretanto, como já estava para completar 70 anos, Professor Felipe Serpa deu liberdade para que ele continuasse na USP se ocupando de alguns assuntos na UFBA.

Geosul: Após 78, o Brasil em pleno período ditatorial, com as mudanças processadas na geografia brasileira, durante e decorrentes do Congresso da AGB em Fortaleza, o nosso campo disciplinar e científico começa a redemocratizar as experiências e vivências com “Saberes” e “Fazeres” para o ensino, para pesquisa e para a extensão. Inclusive, no âmbito da própria AGB, em suas diferentes frentes de atuação. Do seu ponto de vista, diga-nos um pouco sobre esses períodos e que deles a geografia e os geógrafos

brasileiros passaram a emprestar de contribuições de para gerações que se seguiram e para a sociedade em geral.

Auxiliadora: O marco da geografia dessa época foi Milton Santos, que virou a mesa no final do encontro, e muitos outros professores, inclusive, o Professor Luiz Cruz Lima de Fortaleza, propagando uma geografia mais libertária. Não nos esqueçamos de que essa foi a época do lançamento do livro *Por Uma Geografia Nova*. Alguns Professores conduziram o processo no seu Estado, como o Professor Luiz Cruz, no Ceará. Essa mudança da Geografia teve espaço na AGB, com sede na PUC-RS, então coordenada pelo Professor Ruy Moreira. Nessa reunião tentou-se fazer com que Milton Santos se elegeisse presidente, mas, alguns professores fizeram bloqueio a essa proposta. As sessões da AGB no Brasil inteiro começaram a radicalizar para definir uma geografia crítica, por exemplo, e Milton Santos era o balizador dessa proposta. Muitas linhas dentro da geografia se definiram tirando a predominância do IBGE. No final dos anos 80 os geógrafos mais antigos retornavam os seus trabalhos na AGB. Uma das figuras mais importantes que, em realidade, foi eleito para a presidência da AGB nacional e que ouvia todas as linhas, fazendo assim o papel de união, foi o Professor Carlos Walter Porto Gonçalves. Outro fato importante, foi o I Encontro do Fala Professor, dentro de uma linha de radicalização para se discutir o ensino. Quem contribuiu muito para essa linha foi o Professor Vesentini (USP). Assim, a AGB continuava seu processo de abertura².

Geosul: Então, em sua opinião, aquela conjuntura permitiu disseminações importantes sobre o território e outras abordagens geográficas?

Auxiliadora: Penso que a resposta já está contida na pergunta anterior.

² Como não me encontrava no Brasil nessa época, solicitei algumas informações com o Prof. Dr. Luiz Cruz Lima da Universidade Estadual do Ceará.

Geosul: A Senhora, com sua atuação predominantemente acadêmica na UFBA ou periodicamente em IES na França, como vê, hoje, mesmo aposentada, os rumos do nosso “papel ativo”, como sempre nos “cobrava” o Mestre Milton? Fale-nos um pouco das suas contribuições na vida acadêmica do Geociências da UFBA e o que nesse Instituto essas contribuições têm ajudado a avançar o pensamento geográfico brasileiro.

Auxiliadora: Hoje em dia existem excelentes geógrafos no Brasil produzindo coisas interessantes, e para isso, com certeza, utilizam as horas do seu lazer, portanto de pausa, condição fundamental para qualquer criação. Entretanto, hoje, a grande quantidade de professores pesquisadores são cobrados pelos órgãos financiadores para uma produção que eu considero de massa, pois além das aulas de graduação e de pós-graduação, com toda preparação que elas exigem, o professor que também trabalha na pós-graduação deve publicar dois artigos por ano, além das outras atividades que lhes são demandadas, como reuniões internas e externas e todo um trabalho de orientação, trabalho administrativo e tarefas de representação. Por isso, muitas das vezes, muitos desses trabalhos não correspondem às expectativas. O importante, às vezes, não é a qualidade e sim a quantidade para atender as exigências que recaem sobre os professores pesquisadores.

Sobre minhas contribuições no Geociências (UFBA), hoje considero que mesmo aposentada tenho trabalhado em tempo integral e dedicação exclusiva, como o fiz durante todo tempo que estive na ativa. Refletindo sobre essa pergunta, tomo conhecimento de que preciso diminuir meu tempo no IGEO. Desde 70, quando comecei com dedicação exclusiva, dediquei-me ao curso de graduação, onde ministrava disciplinas ligadas, principalmente, à geografia: urbana, da população, regional e geografia da Cidade do Salvador. Na pós-graduação sempre tive vontade de inovar. Foi, assim, que juntamente com um geólogo, uma das pessoas mais lidas na minha opinião, na época Diretor do Geociências, durante dois anos, eu e Délio Pinheiro lemos tudo o que estava ao nosso alcance e que complementava a nossa formação sobre Geografia,

Literatura e Arte. Assim, começamos a ensinar essa disciplina. Hoje continuo sozinha após a aposentadoria de Délio. É uma disciplina que me dá muita satisfação e que já saíram com mestrado concluído oito pessoas e, atualmente, três de orientação para doutorado e dois de mestrado. Os temas são variados, desde trabalhos sobre Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Jorge Amado, a música eletrônica versus espaço urbano, as fotografias de Sebastião Salgado e de Pierre Verger, literatura de cordel, entre outros. Dois livros já foram publicados com trabalhos de estudantes, sob minha orientação, e prefácios dos Professores Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Carlos Walter Porto Gonçalves e Gervásio Neves, além do livro publicado a partir do I Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte.

Durante o período em que ensinava a graduação, representei por eleição direta o Instituto de Geociências no Conselho Acadêmico Superior da Universidade durante doze anos, com intervalo de dois anos em cada quatro anos. Fui eleita, por sete anos, com intervalos, Presidente da Câmara de Pesquisa e de Pós-Graduação da UFBA, neste Conselho. Fui Chefe de Departamento em várias vezes, Diretora e Vice-diretora do IGEO. Assim como, por duas gestões Vice-Coordenadora da Pós-graduação do IGEO. Como em qualquer dos cargos em que atuei sempre lutei a favor da geografia, do Departamento, penso que dei minha contribuição no sentido de avançar o pensamento geográfico, que é também brasileiro. Uma outra atuação que considero importante, principalmente para formação de pessoal e desenvolvimento da pesquisa, foi a minha coordenação entre 1980 e 1992, no Projeto de Geografia ligado ao Programa CAPES-COFECUB. Como todos sabem, é um projeto de formação de pessoal e desenvolvimento da pesquisa. A Geografia da UFBA foi um dos primeiros projetos escolhidos pela sua ligação inicial com a França. A minha responsabilidade era, não só a de selecionar pessoal do Departamento e aqueles que trabalhavam na pesquisa, mesmo sendo de outro departamento, para o doutorado, mestrado e, mesmo, o que eles chamavam de estágio de curta duração. Outra responsabilidade era a de

selecionar, juntamente com o Coordenado do lado francês e trazer professores franceses para proferir conferências, cursos e se envolver na pesquisa ora desenvolvida pelo grupo da geografia da Bahia. Foi assim que recebemos, entre outros, os professores Michel Rochefort, Paul Claval, Jacques Hubschman, Coordenador pelo lado francês, George Bertrand, Jean Tricart, Olivier Dolfus, Guy Laroche, Jean Trauttmann, Jean Paul Metallié, Bernard Kayser, F. Joly, Étienne Dalmasso, Claude Lecarpentier, Raymond Pebayle. Alguns deles vieram mais de uma vez. Durante a duração do acordo, duas pesquisas foram realizadas, uma no Oeste Baiano e a mais longa na Zona do Sisal, região de Serrinha, tendo como base o os municípios de Valente e Santa Luz. Esta pesquisa interdisciplinar formou cinco doutorados, três mestrados, vários estágios de curta duração, cinco artigos, doze publicações em anais, um capítulo de livro, um livro publicado e um filme sobre as atividades da região. Esses seminários e cursos dos professores que eram frequentados por pessoas de outros estados e universidades, seguramente, disseminaram os estudos da geografia. Por esse projeto e por defender uma geografia brasileira, fui escolhida pelos coordenadores, que na época eram mais de sessenta, como representante dos mesmos, com mais três colegas do Sul, inclusive Diomário Queiroz, no Conselho da CAPES. O COFECUB, muitas vezes, me solicitou para ajudar brasileiros de outros Estados, que estavam na França, mas, que não conseguiam se adaptar. Para os coordenadores, os estudantes que não cumpriam seus estudos se transformavam num grande problema para o Projeto. Entre 83 e 85, por iniciativa do Professor Étienne Dalmasso, fui indicada e aprovada como professor visitante da Universidade de Paris VII. Meus conhecimentos sobre a França e os franceses, também, aumentaram. Nesse período de coordenação produzi pouco, já que minhas atividades no curso e no bom andamento do projeto – organização da viagem e das atividades dos professores convidados e dos colegas que saíam em estágio ocupavam grande parte do meu tempo e era só minha responsabilidade. Penso que tive responsabilidade na disseminação do conceito geográfico, até

porque tentamos por muitos anos organizar o Programa Pós-graduação em Geografia sem termos doutores suficientes para tal. O CAPES-COFECUB nos deu esta possibilidade. A base da pós-graduação pode ser vista, também, através do I Curso de Especialização em Análise Espacial entre 79 e 81, onde atuaram professores brasileiros e franceses.

Geosul: Mesmo aposentada a Senhora continua atuando profissionalmente, notadamente em atividades ligadas com a pós-graduação, por que a Senhora é como se fosse a “fada madrinha” da pós-graduação da UFBA. Em termos de fomento de eventos, muitos ligados a memória Miltoniana. Comente-nos como essas atividades têm sido possíveis e como elas podem ajudar em práticas acadêmico-profissional, inclusive, com a disseminação de grandes nomes de geógrafos brasileiros aqui na Bahia, como foi o “Encontro de Gerações”, em 2013. E, ainda nessa perspectiva, como referencial Miltoniano se encontra, ou não, valorizado por outros colegas de Instituições de Ensino Superior do Brasil e do exterior, notadamente em locais do “Terceiro Mundo”, por onde ele passou.

Auxiliadora: Após minha aposentadoria, tenho atuado como professora e pesquisadora do Programa Pós-Graduação. Eu e mais três colegas organizamos, desde 1999, o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano, atualmente, funcionando com oito bolsistas de graduação e cinco da pós-graduação. Minha atuação, entretanto, é gratuita. Cinco dos bolsistas de graduação recebem a Bolsa Milton Santos, que segue os mesmos parâmetros estabelecidos pelo PIBIC. A origem dessa Bolsa foi a seguinte: um ano antes da morte de Dr. Milton, estando na Bahia, ele disse que gostaria de oferecer uma bolsa para que um estudante pobre se familiarizasse com a pesquisa. Perguntou-me se eu poderia me responsabilizar para que isso funcionasse. Entretanto, pediu-me que não falasse com ninguém antes que ele resolvesse, quando chegasse a São Paulo. Um ano depois da sua morte, um aluno muito bom mas, também, muito pobre, que estudava de dia e a

noite trabalhava numa farmácia para ajudar a família, foi demitido. Nesse momento me lembrei do desejo de Dr. Milton e falei com Marie Hélène, sua viúva, que me atendeu imediatamente. Hoje, já são cinco bolsas e mais uma ajuda de custo na ocasião em que aluno for apresentar trabalho fora da Bahia. Do grupo fazem parte, também, dois estudantes de Iniciação Científica. O Grupo trabalha, principalmente, as ideias de Milton Santos, mas, também, de vários geógrafos brasileiros e estrangeiros. Cada um desses alunos tem uma pesquisa pessoal e, nas reuniões, elas são apresentadas e discutidas por todos. Alunos desse Grupo já cumpriram intercâmbio acadêmico de seis meses na Universidade de Coimbra, em Portugal e, um deles, se encontra por dois anos em Paris por conta de uma Bolsa ERASMUS MUNDUS, da União Europeia. Outra estudante, entre fevereiro de 2011 e 2013, começou um Doutorado na Alemanha na Jacobs University Bremen, finalizando neste ano. Todos os alunos que cumpriram bolsa no Programa, ao se candidatarem para Mestrado, Doutorado ou trabalho nos órgãos municipais, estaduais e federais, são admitidos na primeira seleção. Desde o ano 2000, o Grupo de Pesquisa vem realizando atividades como Seminários, sendo que o produto dos mesmos é transformado em livros. Assim, realizamos quatro Encontros sobre o pensamento de Milton Santos, sobre Geografia, Literatura e Arte, sobre Aziz Ab'Sáber, sobre Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, sobre Jean Tricart, sobre Manoel Correa de Andrade, sobre o Sisal Baiano, a Globalização, os Dez Anos Sem Milton Santos, o Encontro de Gerações, entre outros, enfim, onde vários Professores da Bahia e do Brasil foram homenageados. Isso só foi possível porque muitos professores do Brasil atenderam ao nosso pedido, participando, portanto, com suas excelentes contribuições. Esses Seminários são abertos para um público maior, inclusive, para estudantes do Ensino Médio. Normalmente, para a vinda de professores temos apelado para a Universidade do Estado da Bahia, em seus diversos campi, e outros como o SEBRAE, FAPEX, EDUFBA, Fundação Ulysses Guimarães, uma ou duas vezes a CAPES e a FAPESB. Esse trabalho exige uma enorme energia de

todo o Grupo, mas, temos sido bem sucedidos em todos eles. Os cursos de pós-graduação da UFBA e mesmo o CREA tem, também, nos ajudado. Como fui, durante muito tempo, representante do Geociências no Conselho Superior da Universidade e, por algumas vezes, presidente da Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação fiquei conhecendo a Universidade e isso facilitou meu trabalho. O mais difícil foi esse último evento quando, abrindo uma janela maior para o Ensino Médio, em que a inscrição dos alunos era ligada a um poema ou a uma crônica sobre a vida ou a obra de Milton Santos. Como convidamos alguns professores de outras universidades brasileiras, precisávamos de ajuda financeira. Dois órgãos financiadores não se interessaram, pois acharam, com certeza, que o encontro não era tão importante. Como não desistimos de nossos sonhos, o Encontro aconteceu com a ajuda de algumas instituições de ensino superior que nos forneceram passagens e hospedagem para os professores convidados e com o dinheiro de um bazar e de uma rifa, organizadas por nós e, de livros cedidos pela Professora Maria Adélia; felizmente o Encontro se realizou com êxito, até maior do que esperávamos. Com tudo que já foi dito, está claro que o que vimos fazendo, em todos esses anos, com os professores que temos trazidos para esses diversos Encontros, só podem disseminar a geografia e ciências afins através desses grandes nomes, que até hoje nos têm dado a honra de comparecer, para conosco colaborar. Também, conta muito a minha rede profissional e afetiva com vários alunos que pertenceram ao grupo e que hoje estão em outras universidades, a quem dirijo meu apelo para colaborar, por ocasião da realização dos Seminários. Portanto, é um trabalho que se torna fácil, já que toda a equipe acredita no que faz. Apenas tivemos dificuldades financeiras com o último Seminário pelas razões já ditas. A última parte dessa pergunta permita-me responder, juntamente, com a pergunta seguinte.

Geosul: A Senhora acha que o pensamento referencial Miltoniano é valorizado, ou não, entre colegas do Brasil e de fora também?

Auxiliadora: Penso que nem no Brasil, nem mesmo aqui na Bahia, ele é valorizado como deveria ser. Milton Santos deixou um imenso legado para geografia com grande abertura para ciências afins, em vários de seus livros, palestras, artigos, ele revoluciona o pensamento geográfico, ele já olha para o futuro como se fosse uma premonição. Isso se deu a sua disciplina no trabalho que, segundo ele, aprendeu com o Professor Tricart, e sua grande seriedade em tudo que fazia e, sobretudo, um dos maiores traços em sua personalidade, em minha opinião, era a ousadia em relação a ciência. Entretanto, muitos são aqueles que não tendo coragem de ler a sua obra e nela se aprofundar, mesmo assim, o criticam. Não sou contra a crítica, mas, que essa crítica seja baseada naquilo que você conhece bem. Por que tanto tempo para ele conseguir se reestruturar no Brasil, depois da sua chegada em 78? De certas pessoas, me parece, foi o medo, o medo de que ele viesse eclipsar a muitos com o que ele trazia de bagagem científica, mas, os que assim procederam desconhece que cada um de nós tem o seu lugar. Creio que poucos são os geógrafos que discutem com seus alunos a obra de Milton Santos. Isso se dá na Bahia, isso se dá no Brasil. Não se pode entender a obra desse grande Professor e Pesquisador lendo apenas dois ou três dos seus livros sem se preocupar com toda a sua obra, inclusive, com tudo que ele falou nas suas palestras e encontros. É assim, não só com Milton Santos, mas com todos os cientistas. Só, assim, você pode entender até relações que existem entre o autor, sua obra e o mundo. Penso até que fora do Brasil, inclusive na América Latina, ele é mais valorizado do que em seu próprio país. Um colega cubano, Professor Antônio Puentes, atual coordenador do Programa Pós-Graduação, me disse que em Cuba as ideias de Milton Santos são mais discutidas e trabalhadas do que na Bahia. Isso é válido para os países da África, por onde ele passou. Tenho muita fé nessa nova geração que está chegando e que não o conheceu pessoalmente, pois, talvez se dê a oportunidade de conhecê-lo pela sua obra. Afinal, como ele mesmo disse, no discurso para cerimônia do último prêmio que recebeu, que foi o *'Multicultural do Estadão Cultura'*, “Meu desejo secreto,

o desejo dos pensadores, que é difícil confessá-lo, é que o seu trabalho possa ter alguma repercussão, sobretudo, quando ele ultrapassa os limites da sua própria área e da universidade. O fato do seu trabalho ter uma visibilidade em camadas mais amplas da sociedade, da ao seu autor, não a certeza de que ele tenha um aplauso geral, mas um certo conforto de ver que o seu discurso não é um discurso fechado”. Entretanto, o nome Milton Santos ainda abre possibilidades para todos, inclusive, para aqueles que não respeitavam as suas ideias enquanto vivia.

Geosul: Então a Senhora acha que há pouca divulgação aqui e mesmo no Brasil?

Auxiliadora: Apesar de achar que, realmente, há pouca divulgação do pensamento de Milton Santos, em algumas universidades brasileiras como, por exemplo, a Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Alagoas, Estadual de Alagoas, entre outras, seus professores trabalham e divulgam a obra do Professor. Na Bahia, noto esse interesse, sobretudo, nas universidades menores, mas não menos importantes. Gostaria que na UFBA um maior número de professores se interessasse por sua obra. Por exemplo, no penúltimo reitorado do Professor Naomar Almeida, foi fundado o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos para abrigar os cursos interdisciplinares, mas, que é apenas conhecido como IHAC; significa que ninguém sabe que esse prédio foi uma homenagem ao Professor Milton Santos.

Geosul: A Professora Adélia acha, talvez, somente no Nordeste se estude um pouco mais sobre Milton Santos, a Senhora concorda?

Auxiliadora: Maria Adélia tem razão mas, no Brasil, como já disse, existem não só Universidades, como Professores Universitários que trabalham a obra de Milton Santos; e não só universidades, um exemplo, é a Fundação Ulysses Guimarães, que já publicou um livro sobre a obra de Milton Santos e me pediu para fazer uma apresentação. A partir daí, todas as vezes, isso já faz

alguns anos, que me dirijo para pedidos de passagem e hospedagem para os professores nossos convidados para os Seminários que organizamos sobre Milton Santos, ou mesmo outros Professores, sou atendida com a maior gentileza pelo seu Diretor Dr. Eliseu, Elisiane, a Secretária, e por todo pessoal da Fundação. Essa é a credibilidade que o Grupo Produção do Espaço Urbano tem com esse importante órgão.

Geosul: O Professor Jorge Gaspar em uma entrevista para a Geosul, foi perguntado se o Professor Milton não era desconhecido na Europa, se não foi mais conhecido na França. Ele disse que não, que talvez existam lugares, como na Alemanha (e citou o nome de uma pessoa onde seu trabalho esteja referenciado em Milton Santos). Porém as gerações se renovam. Daí surgiram novos rumos.

Auxiliadora: Na verdade Professor Milton Santos não é desconhecido na Europa, muito menos na França; ainda existem muitos professores, mesmo de disciplinas afins, que conhecem e trabalham sobre a obra de Milton Santos. Na Alemanha eu não conheço, mas o Professor Jorge Gaspar deve ter razão. Sei, com certeza, que na França, em Portugal, na Espanha e na América Latina, principalmente, ele é bastante conhecido, sem falar em países da África, como no Senegal e Nigéria.

Geosul: Atualmente, como a Senhora avalia a formação universitária em Geografia no Brasil e quais são, no seu entender, as principais temáticas e nomes de profissionais que estão a influenciar as atuais gerações de alunos e futuros profissionais, originários daquele campo do saber? A Geografia no Brasil, hoje, tem relevância e perspectiva de contribuições transdisciplinares acadêmicas, práticas profissionais como em temáticas socioambientais, de planejamento ou para o ensino escolar?

Auxiliadora: Primeiro é difícil responder a tudo isso, porque eu não conheço toda a geografia que está se fazendo no Brasil, eu não conheço todos os geógrafos do Brasil. Eu penso que a Geografia é

importante, tem nomes importantíssimos, tem gente trabalhando seriamente aqui. Mas acho que o ensino, de uma maneira geral, e não é só em relação à geografia, deixa muito a desejar por uma série de motivos. Não existem incentivos para professor que, na grande maioria, cumpre uma carga horária exorbitante, até porque o número de professores não é condizente com as necessidades de um curso de nível superior; não existem bolsas suficientes para os estudantes de graduação e as que existem tem um valor muito baixo (R\$ 400,00 mensais), para os estudantes de pós-graduação o valor das bolsas é mais condizente com o curso; o professor vive com um salário pequeno e, então, muitos recorrem à bolsa do CNPq, para ajudar nas pesquisas, ou de outros organismos, o que faz com que os trabalhos também aumentem por causa das obrigações com os relatórios. Muitos dos colegas não têm boas condições físicas de trabalho, às vezes nem possuem sala para desenvolver suas atividades e isso é um panorama das universidades brasileiras. As bibliotecas nem sempre atendem às necessidades do professor e do estudante. Muitas das reuniões “obrigatórias” tomam um tempo precioso do professor. Outro problema são as condições desfavoráveis para os trabalhos de campo. Então, o professor tem que ser um “super-homem” ou uma “super-mulher” para fazer o seu trabalho corretamente. Uma outra coisa que atrapalha as universidades e que também atingem outros organismos é a burocracia. Tudo isso faz com que não só o curso de geografia tenha dificuldade em se tornar aquilo que deveria ser e que é almejado pelos professores e estudantes. No meu caso, prefiro trabalhar sem bolsa e sem nenhuma outra remuneração a não ser minha aposentadoria pois, me sinto mais livre para fazer aquilo de que gosto; cumpro minhas obrigações para com o curso de pós-graduação: ensino, orientação etc. e ainda dirijo com mais quatro colegas³ o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano, com alunos de graduação do diurno e do noturno, com os alunos de pós-graduação, mestrandos e doutorandos, e o respeito e a

³ Professores Clímaco Dias, Marco Antonio Tomazoni, Denise Magalhães e Claudemiro Neto.

amabilidade dos demais colegas é que me fazem permanecer ainda nessa jornada de dedicação exclusiva. Mas com todas as dificuldades que aponte não posso deixar de dizer que existem grandes nomes da geografia que, no fim dessa resposta possa citar alguns, mesmo com receio de esquecer muitos outros em todos os Estados do Brasil. Sou muito esperançosa com as pessoas e com qualquer esforço que elas façam. O mínimo que se faz já é uma esperança pra renovação, a gente não pode esperar uma grande onda, até porque, quando foi que a gente teve essa grande onda? Vão surgindo nomes por aí mais jovens. Acredito que a escola geográfica brasileira é uma referência, sim. Se não acreditasse eu não estaria aqui; mesmo não me considerando uma referência mas, sinto orgulho de estar orientando esses jovens que comigo trabalham. Tive sorte pois, vejo que todos eles, saindo do curso de geografia e pertencendo ao grupo são aceitos como professores de outras universidades após fazerem o mestrado e mesmo doutorado e sendo admitidos, igualmente, por concurso, nos órgãos municipais, estaduais e federais. Essa é a grande recompensa para um professor. Alguns voam mais alto, pois são contemplados com bolsas de estudos no exterior. Isso ainda é o que me mantém “na ativa”. Tenho muita sorte de ser procurada por recém-formandos e mestres que me procuram de outros estados e mesmo de outro país para fazer parte desse grupo que dirigimos. Assim, tive e tenho alunos, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de Santa Catarina e de Portugal. Essa mistura de regiões muito nos ajuda a avançar na geografia. Mas eu não tenho só esperança nessa juventude, também admiro os mais antigos que continuam com um maior entusiasmo a trabalhar para o avanço da ciência geográfica. Aqui cito alguns desses geógrafos mais novos e mais antigos que merecem todo o respeito e agradecimento por estarem fazendo uma geografia melhor e falo apenas dos brasileiros. Professores: Maria Adélia, Eustógio Dantas, Tania Fresca, James Humberto Zomighani Jr., Aldo Dantas, Bigarella, Aldo Paviane, Pedro Geiger, Angelo Serpa, Armem Mamigoniam, Carlos Augusto Monteiro, Luis Cruz Lima, Alfredo Carvalho, Ruy Moreira,

Guiomar Germani, Roberto Lobato Correia, Carlos Spindola, Carlos Walter, Gervásio Neves, Ewerton Machado, Antonio Carlos Robert Moraes, Denise Elias, Ignez Ferreira, Rosa Ester Rossini, Eduardo Marandolla, Leila Dias, Marcelo Lopes de Souza, Zeny Rosendhal, Rogério Haesbaert, Luis e Margareth Pimenta, Marcio Cataia, Antonio Carlos Vitti, Lenyra Ricke da Silva, Pedro Vasconcelos, Luiz Scheibe, Rafael Sanzio Carlos Espindola, Francisco Mendonça e muitos outros geógrafos que, embora não tenham sido citados, merecem todo nosso respeito e reconhecimento. Como não posso citar todos os nomes, quero destacar, também, os professores do Departamento e da Pós-Graduação em Geografia da UFBA, os mais antigos e os mais novos, que muito lutaram e que vem lutando para que o Curso de Geografia possa se tornar cada vez melhor.

Geosul: A Senhora tem notícias ou acompanhado o desempenho de práticas de geógrafos em diferentes lugares do planeta? Que referências (nomes e temáticas tratadas) a Senhora destacaria?

Auxiliadora: Tenho acompanhado não em todo o planeta, mas, alguns da Europa e América Latina. Do meu conhecimento, posso citar alguns professores: Paul Claval, Jacques Hubschman, Jean Trautmann, Michel Rochefort, Rui Jacinto, João Sarmiento, Jorge Gaspar, Carlos Augusto Medeiros, Carles Carreras, Carles Ponsa Ballart, Horacio Capel, Luisa Iñiguez Rojas, Maria Laura Silveira, professores da França, de Portugal, da Espanha, de Cuba e da Argentina que trabalham sobre geografia cultural, economia urbana, história e teoria da geografia, geografia social e econômica, planejamento urbano e territorial, geografia regional e agrária, sensoriamento remoto, geografia humanística e pós-colonial, geografia social e cultural. A grande maioria desses Professores já trabalharam, direta ou indiretamente, com o Professor Milton Santos e com a sua obra.

Geosul: Em linhas gerais, que mensagem a Senhora ofereceria para um aluno secundarista que desejasse fazer um curso

universitário em Geografia? E por quais sugestões de temáticas e ou atividades a Senhora recomendaria, para que esse futuro profissional buscasse em sua formação e se dedicasse em campos de trabalhos?

Auxiliadora: Em primeiro lugar, que ele lesse muito e trabalhasse, com disciplina. É importante ler e tentar interpretar os clássicos da geografia, passando depois para a geração, por exemplo, de Milton Santos. Dessa maneira, eles visitariam toda a geografia. Que eles estudassem, também, uma língua estrangeira, lessem filosofia, literatura e arte, que servem para complementar não só os estudos de geografia, mas, para melhor compreender o mundo. Chamo muito a atenção para a leitura e a interpretação do que lê. Discussão, também, com os colegas para trocar ideias sobre os assuntos estudados, isso pode se dá dentro de um grupo de pesquisa, onde essa troca de conhecimento deve ocorrer, normalmente, e onde deva existir solidariedade e generosidade entre seus integrantes. Em caso de alguma dúvida, recorrer aos professores, mesmo você considerando sua pergunta banal. Só a leitura é que vai embasar seus conhecimentos. A curiosidade, também, deve ser um fator importante para descobrir coisas novas. Isso feito, ele já deve estar consciente do que vai escolher dentro do campo da geografia e de qualquer outra ciência.

Geosul: Milton dizia que, para ter competência, discutir a interdisciplinaridade, tinha que primeiro ter competência na disciplinaridade.

Auxiliadora: Ele estava completamente certo.

Geosul: Deixamos aqui, espaço em aberto para comentários finais, que gostaria de falar que não foram contemplados nas questões anteriores.

Auxiliadora: Essa entrevista teve grande importância para mim, pois, tive que recorrer aos meus conceitos e sentimentos, alguns deles guardados, e você, com seriedade e gentileza, conseguiu com que eu expusesse às vezes com prazer e outras vezes com muita

emoção. Agradeço, portanto, por essa oportunidade e peço desculpas se não expressei tudo aquilo que vocês esperavam de mim. Agradeço por terem me escolhido para esta entrevista e a Universidade Federal de Santa Catarina que me enviou um entrevistador tão querido e competente, o que contribuiu para facilitar essa tarefa.

Flora: Eu só queria falar uma coisa em relação a professora pois, às vezes, ela fica dizendo que não é uma grande referência. Entretanto, isso foi provado no último Seminário. Um pequeno exemplo é prestar atenção nos alunos de pós-graduação, seus orientandos. Muita gente de fora chega atraída pelo que ela representa. Eu, por exemplo, sou de Minas; a Thalita é do Rio; o Paulo é português; a Juliana foi orientanda dela, foi para a Alemanha e quando voltou veio para cá. Quando ela fala que seus alunos pipocam pelo Brasil e, disse eu tenho prova, é pela cadeia afetiva que ela cria por causa desse grupo, o PEU, pela sua generosidade. Conheci Auxiliadora apenas no dia que eu fiz a seleção, pois quando eu mandei o e-mail e que ela me respondeu na maior generosidade do mundo, até me assustou, porque o mundo está cada vez mais individualista, e de repente ela fala pra vir fazer a prova, e, se eu passasse, ela iria me orientar. Tudo que ela fala de generosidade, da pessoa ser aberta, se comunicar sempre, isso ela tem como prática.

Geosul: Professora, agradeço essa oportunidade, agradeço a Flora que está aqui me ajudando.

Auxiliadora: Eu que agradeço, foi muito agradável.